

PALAVRAS E SEUS SENTIDOS EM TRADUÇÕES DE *MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM*

Dagoberto Buim Arena*

Adriana Pastorello Buim Arena**

Resumo: Com o objetivo de revelar diferentes decisões de tradutores, este artigo analisará alguns trechos do primeiro e do quinto capítulos em quatro edições – a brasileira, uma francesa recente, uma espanhola e uma italiana – de *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra escrita por Bakhtin e Volochínov, nas quais são observadas diferentes opções de tradução de palavras e seus sentidos.

Palavras-chave: Volochínov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Círculo de Bakhtin.

INTRODUÇÃO

■ Em 2017, publicou-se, no Brasil, a tradução do russo de *Marxismo e filosofia da linguagem* (a partir de agora MFL), com a autoria atribuída exclusivamente a Valentin Nikolaiévich Volochínov, em vez da partilha da com Bakhtin na conhecida edição brasileira publicada pela Hucitec. Essa publicação poderá estimular o debate a respeito de sua autoria e promoverá dúvidas em relação à tradução de palavras e expressões pelos tradutores da obra já publicada. Com o objetivo de apontar diferentes decisões de outros tradutores, em outras línguas que não o português, este trabalho analisa alguns trechos do primeiro capítulo dessa obra, ou seja, “O estudo das ideologias e a filosofia da linguagem”, nos quais palavras e expressões apresentam opções diferentes de tradução.

Durante anos, pesquisadores brasileiros estudaram a edição brasileira de MFL da Hucitec, que teve como referência a edição francesa da editora Les Editions de Minuit, de 1977. O subtítulo na edição brasileira – Problemas fundamentais do

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Marília, SP, Brasil. E-mail: dagobertobuim@gmail.com

** Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: dricapastorello@gmail.com

método sociológico na ciência da linguagem – está apenas na página de rosto. Tal como a edição francesa, a brasileira atribui a autoria a uma fórmula graficamente registrada do seguinte modo: *Mikhail Bakhtin (Volochinov)*. Conforme observação dos tradutores Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, houve ainda consultas à tradução americana de 1973, da editora *Seminar Press*, e visitas ao original russo com a ajuda de Lucy Seki, com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Como a francesa, a edição brasileira foi prefaciada por Roman Jakobson e apresentada por Marina Yaguello. Dessa publicação, a quarta edição, a de 1988, é a consultada neste trabalho.

Em 2010, a editora francesa Lambert-Lucas lançou uma edição bilingue (francês e russo) de *Marxismo e filosofia da linguagem*, atribuindo a autoria unicamente Valentin Nikolaiev Volochinov – e não mais a Bakhtin, como fizera a antiga tradução francesa. A recente tradução é de responsabilidade de dois professores da Universidade de Lausanne, na Suíça, Patrick Sériot e Inna Tytkowski-Ageeva, com prefácio de 97 páginas escritas por Sériot, que, baseado em investigações documentais, retira da obra qualquer traço de autoria de Bakhtin. Mais do que abrir novas vertentes para os pesquisadores do campo da linguagem, relacionadas aos pensadores russos, a tradução de Sériot respeita os enunciados e notas originais da publicação corrigida de 1930 (a primeira fora em 1929), atribuída a Volochinov. Acrescenta-se, ainda, a possibilidade de o conhecedor da língua russa cotejar os dois textos, página a página, nas duas línguas. Para o leitor brasileiro leitor do francês, essa tradução francesa *Marxisme et Philosophie du Langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage* inaugura novos percursos no campo de pesquisas de linguagem por reordenar conceitos até então utilizados descuidadamente, ou induzidos para direções diversas pela antiga tradução, que ainda circula muito no Brasil.

As outras duas edições consultadas neste artigo são de língua italiana e de língua espanhola. A primeira se trata de *Marxismo e filosofia del linguaggio: problemi fondamentali del metodo sociológico nella scienza del linguaggio*, com autoria atribuída a Valentin N. Vološinov Michail M. Bachtin, sob os cuidados de Augusto Ponzio, traduzido do russo por Margherita De Michiel, publicada em 1999 pela editora Manni, de Lecce. A edição russa de referência é *Marksizm i filosofija jazika. Osnovnye problemy sociologiceskogo metoda v nauke o jazike, Priboj, Leningrad 1929* (2. ed. 1930). O subtítulo está apenas na página de rosto, como na brasileira. A segunda, em espanhol, publicada pela Ediciones Godot, de Buenos Aires, primeira edição em 2014, tem o título de *El marxismo y la filosofía del lenguaje (Los principales problemas del método sociológico em la ciencia del lenguaje)* (em caixa alta), com autoria exclusiva atribuída a Valentín Nikoláievich Volóshinov, com tradução de Tatiana Bubnova.

A comparação entre trechos dessas versões poderá contribuir para os estudos de pesquisadores brasileiros, embora haja riscos de equívocos, uma vez que, ao estabelecer comparações, o pesquisador deverá obrigatoriamente traduzir os trechos para o português. Serão, portanto, traduções sobre traduções, mas a intenção é a de apontar as escolhas feitas pelos tradutores, suas convergências e suas divergências.

Todas as referências nominais a Bakhtin, a Volochinov e a outros autores russos respeitarão a forma gráfica utilizada na obra referenciada. O emprego desses nomes sem referência a uma obra explícita atenderá, entretanto, às formas gráficas consagradas no Brasil – como as registradas no início deste parágrafo, no caso de Bakhtin e de Volochinov.

O olhar analítico terá também como referência a obra *Vološinov en Contexte: essai d'épistemologie historique*, de Inna Tylkowski, publicada em 2012 pela Lambert-Lucas. A intenção de apontar decisões diferentes dos tradutores apoia-se no seguinte pressuposto de Tylkowski: para ler Volochínov é necessário compreender a vida intelectual russa, antes e depois da Revolução de Outubro, e as fontes das quais ele se alimentava, porque o lugar e o tempo em que se situam o pesquisador ou o tradutor fazem deslizar palavras e sentidos.

O CONTEXTO INTELECTUAL DE VOLOCHÍNOV

Tylkowski (2012) atribui o conceito de *contexto* ao conjunto de obras publicadas, às discussões e aos temas presentes nos debates e nas instituições científicas em determinada época, que podem servir como referências a pesquisadores. Volochínov, Bakhtin e Medvedev, considerados nos anos 1970 membros de um círculo produtivo nos anos 1920, banharam-se no mesmo conjunto de ideias no período pós-revolucionário na Rússia. Ao serem traduzidas para o francês nos anos 1970, as obras de Bakhtin – *A poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* – sofreram, como afirma Tylkowski, “certa modernização quando da sua introdução na França por Julia Kristeva, que as apresentou em um seminário dado por Roland Barthes em 1966” (TYLKOWSKI, 2012, p. 13, grifo da autora¹). O contexto francês no período da tradução de MFL era caracterizado, entre outros aspectos culturais, pelo “apogeu do paradigma estruturalista com a ‘morte do sujeito’”; pela “emergência da teoria da enunciação de Émile Benveniste”; pelo “desenvolvimento da análise do discurso (Pêcheux)”; “pela leitura de Marx e Engels por Althusser”; e pelo “interesse por tudo o que se passava no Leste, no plano literário e no plano político” (TYLKOWSKI, 2012, p. 13-14).

Tylkowski (2012) delimita o período do contexto de Volochínov entre 1890, ano em que o marxismo foi introduzido na Rússia, e 1930, porque depois dessa data Volochínov nada mais publicou. Entretanto, esses limites inferiores e superiores do período são rompidos por ela:

Eu me permito algumas vezes ultrapassar esse limite para me referir à noção de signo em Santo Agostinho, aos Ideólogos, à Marx e a Engels, aos trabalhos sobre “discurso interior”, para mostrar a gênese das noções (de “signo”, de “ideologia”, de “discurso interior”) utilizados nos anos vinte pelos pesquisadores russos, entre os quais Vološinov (TYLKOWSKI, 2012, p. 30).

Nesse limite, a pesquisadora elege alguns temas e autores. Os temas são as bases da linguística marxista e a recepção de Saussure na Rússia; os princípios da psicologia marxista, incluída a psicanálise; a filosofia da linguagem e o conceito de *palavra*; a análise das interações sociais, entre as quais a verbal; e o marxismo, sua aplicação, análise dos fatos verbais e os fenômenos da consciência. Os autores eleitos foram Rosalija Šor (1894-1939), Gustav Špet (1879-1937), Georges Plekhanov (1856-1918), Lev Jakubinskij (1892-1945), Lev Vygotski (1896-1934) e Konstantin Kornilov (1879-1957), mas outros não citados também foram por ela estudados em virtude de alguns princípios expostos nas argumentações em MFL. Tylkowski (2012) tentou reconstruir o que considera a biblioteca virtual de Volochínov, isto é, o que ele poderia ter lido quando elaborava a obra.

1 Todas as traduções de trechos das obras estrangeiras são de responsabilidade dos autores deste artigo.

Ao analisar o termo *ideologia*, faz incursões em direção não somente a Plekanov, mas também a Lênin (1870-1924), Alexandre Bogdanov (1873-1928), Nicolas Bukharin (1888-1938), Vladimir Adorastkij, Isaak Razumovskij (1893-?), Eugéne de Roberty (1843-1915) e Pitirim Sorokin (1889-1968). Nesse cenário, a pesquisadora russa levanta uma hipótese:

Pode-se formulá-la assim: o contexto intelectual geral da época (o “macrocontexto”) no qual trabalha um pesquisador (em meu caso, Volochinov) tem um papel de primeiro plano na interpretação de sua obra, porque ele permite apreender o sistema de pensamento e de compreender suas ideias (TYLKOWSKI, 2012, p. 31).

Com esse ponto de vista, sua hipótese se estende para além do contexto cultural da elaboração de MFL, porque atinge o contexto cultural das épocas em que foram feitas as traduções no Ocidente, especialmente em uma França impregnada de conceitos estruturalistas e também das teorias de enunciação de Pêcheux e de Benveniste na área dos estudos de linguagem. Seu esforço é o de não ser influenciada, ao longo do tempo de suas pesquisas em fontes primárias na Rússia, pela “significação atual dos termos, e de apreender os sentidos que os pesquisadores davam às palavras nos anos 1890-1920” (TYLKOWSKI, 2012, p. 33). Manifesta-se, nessa observação, a possibilidade de expressões e de termos russos terem sido traduzidos de acordo com o contexto intelectual do momento, de acordo com o contexto cultural do país de publicação e conforme a formação intelectual do tradutor, se de natureza técnica ou com conhecimentos linguísticos. Neste último caso, não deixa de ser relevante a vertente teórica a que se vincula. Essas razões levam o estudioso de Volochinov a dedicar-se a uma tarefa quase impossível: a de lê-lo com as lentes do mundo intelectual russo dos anos imediatamente anteriores e posteriores à Revolução de 1917.

Nos tópicos a seguir, serão alinhavados trechos das quatro obras citadas, com o intuito de mostrar variações entre elas em relação a alguns termos. É necessário destacar que, do mesmo modo que as traduções são objetos de análise, as traduções dos autores deste artigo também se submetem aos riscos próprios dessa natureza. O objetivo, entretanto, é o de observar variações no interior mesmo das línguas vernáculas, em dado contexto histórico, em trechos do primeiro capítulo intitulado, na edição brasileira, “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem” (em caixa alta).

Na francesa, há dois títulos, um referente à primeira parte e outro referente ao primeiro capítulo: “Primeira parte – A importância da filosofia da linguagem para o marxismo”; “Capítulo I. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem”. Antes do início do primeiro parágrafo, há um anúncio dos temas: “O problema do signo ideológico. – O signo ideológico e a consciência. – A palavra como signo ideológico por excelência. – A neutralidade da palavra. A capacidade da palavra de ser um signo interno. – conclusão” (em caixa alta).

Em italiano, o título do capítulo é: “Capítulo I. A ciência da ideologia e a filosofia da linguagem”, acompanhado do anúncio dos temas, nos mesmos termos da edição francesa, mas em caixa baixa. A edição espanhola traz o título “Capítulo I. O estudo das ideologias e a filosofia da linguagem”, também acompanhado, em itálico, dos anúncios como as demais edições, mas, em vez registrar a palavra *Conclusão* no último tópico, como a francesa e a italiana, emprega o termo *Recapitulação*. Nota-se que a edição brasileira foi a única a não anunciar os tópicos; o título do capítulo é o mesmo da espanhola. A francesa e a italiana

dão destaque à expressão *Ciência das ideologias*, ao passo que as outras se referem apenas a *Estudos das ideologias*. As referências a esse respeito, em Volochínov e nos demais membros do círculo de que participava, são sempre citadas como *ciências da ideologia* e não *estudos de ideologia*.

SENTIDO, SIGNIFICADO E ENUNCIADO

No segundo parágrafo do capítulo, a edição brasileira registra que

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 31, grifo no original).

À palavra *significado*, a depender do acervo linguístico do leitor e de sua inclinação teórica, pode ser atribuído o sentido que a ela dá Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1995), ao estabelecer a relação entre *significante* e *significado* como faces constituintes do signo linguístico, ou, ainda, pode-se atribuir apenas a noção de *significado* do senso comum, distanciada do conceito que lhe dá Volochínov. O mesmo trecho é assim traduzido em francês:

Tudo o que é ideológico possui um sentido (sens): isso representa, substitui qualquer coisa que é exterior a ele. Dito de outro modo, tudo que é ideológico é um signo. Aqui onde não há signo, não há ideologia (VOLOŠINOV, 2010, p. 127).

O termo francês *sens* poderia indicar sentido ou significado, mas há especificamente *signifié* para *significado*, como o usado por Saussure (1995), como se verá nos parágrafos seguintes.

Há, ainda, a supressão na edição brasileira da forma verbal *representa*; e, na última afirmação, o termo *signos* vem no plural, diferentemente da francesa. A edição italiana também emprega os termos *significado*, *representa* e *signo* no singular, mas inclui a forma verbal *simboliza* em vez de *substitui*:

Tudo que é ideológico possui um significado: representa, simboliza, está para qualquer coisa que se encontra fora de si: é, quer dizer, um signo. Onde não há signo não há também ideologia (VOLOŠINOV; BAKHTIN, 1999, p. 121).

A edição espanhola utiliza a palavra *significación* em vez de *significado*; *reproduz* em vez de *substitui* e *simboliza*; introduz a palavra *produto* para se referir ao que é ideológico:

Todo produto ideológico possui uma significação: representa, reproduz, substitui algo que se encontra fora dele, isto é, aparece como signo. Onde não há signo não há ideologia (VOLÓSHINOV, 2014, p. 27).

Em nota de rodapé, a tradutora observa:

Traduzo a palavra “znachenie” como “significación” e não como “significado”, posto que este último termo remete à dicotomia saussuriana significante/significado, para a qual em russo se usam outros derivados da palavra “znak” (“signo”, a saber: oznachaiuschee/osnachaiemoe (VOLÓSHINOV, 2014, p. 27).

Ao analisar a natureza e as duas faces do signo linguístico, isto é, o conceito e a imagem acústica, Saussure escolhe dois termos que formariam a dicotomia, mencionada pela tradutora Tatiana Bubnova, isto é, um composto conceitual

intensamente debatido nos estudos linguísticos do século XX. Assim se manifesta Saussure (SAUSSURE, 1995, p. 99):

A ambiguidade desapareceria caso se designassem as três noções aqui presentes pelos nomes que se chamam uma e outra, opondo-as entre si. Nós propomos conservar a palavra signo para designar o total, e substituir conceito e imagem acústica, respectivamente, por significado (signifié) e significante (signifiant). Estes dois últimos termos têm a vantagem de marcar a oposição que os separa, seja entre eles, seja no total de que fazem parte.

Comparadas as quatro versões quanto à escolha da tradução da palavra russa *znachenie*, observa-se a similitude entre a tradução brasileira (é necessário lembrar, via francesa) e a italiana (*significato*) ao optarem por *significado*. Para escapar da possível aproximação com a nomenclatura saussuriana, a espanhola opta por *significación*. Sériot (2012) escolhe a palavra francesa *sens* (sentido) em vez de *signifié* (significado). Sua opção parece aproximar-se mais do pensamento de Volochínov, que atribui ao significado o papel de apenas dar relativa estabilidade ao signo, algo como uma sinalidade, que não se manifesta nos enunciados. Teria razão Bubnova ao se distanciar de Saussure, mas parece ter mais razão Sériot por aproximar-se de Volochínov. As outras duas edições – a italiana e a brasileira – parecem afastar-se mais do universo volochinoviano ao escolher *significado*.

No contexto de Volochínov, a palavra *sentido* parece mais adequada na expressão “tudo que é ideológico possui um sentido/significado”, porque *significado* aproxima-se do conceito de *sinal* de Volochínov. Nas críticas que faz a Saussure com relação ao conceito de signo, notadamente sobre a relação entre o locutor e o outro que o compreende, Vološinov (2010), na versão francesa, argumenta que

Dito de outra maneira, para o auditor-compreendente, pelo fato de ele pertencer à mesma comunidade linguística, uma forma linguística dada não é um sinal imutável e sempre igual a ele mesmo, mas um signo mutante e flexível (VOLOŠINOV, 2010, p. 258).

E, ao distinguir o conceito de compreensão do de reconhecimento, afirma que

Não se deve confundir compreensão e reconhecimento. São dois processos profundamente diferentes. Somente um signo se compreende, enquanto que um sinal não é senão reconhecido. O sinal é uma entidade singular, interiormente estática que, em realidade, não substitui nada, nem reflete nada e nem refrata nada; ele é apenas um meio técnico de designar tal ou qual objeto determinado, imutável, ou tal e tal ação (também determinada e imutável. O sinal não tem nada a ver com a ideologia, ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido largo do termo) (VOLOŠINOV, 2010, p. 259).

Este último trecho, lido na tradução brasileira logo a seguir, espelha claramente as influências da terminologia estruturalista. Compare-as o leitor:

O processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é descodificado; só o sinal é identificado. O sinal é

uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso ou imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 93).

O termo *descodificação*, usado na versão brasileira, não faz parte do pensamento volochinoviano, nem poderia ser equivalente a *compreensão*. A tradução italiana opta por três termos – *identificação*, *reconhecimento* e *compreensão*:

O processo de identificação não deve ser de nenhum modo confundido com o processo de reconhecimento. Eles são profundamente diversos. Compreende-se somente o signo, se reconhece, em vez, o sinal (VOLOŠINOV; BACHTIN, 1999, p. 186).

mas peca ao trocar o termo *sinal* por *signo* ao registrar que “O signo é coisa internamente imóvel, singular, que em realidade não substitui nada, nada reflete e refrata, mas é só meio técnico para indicar um objeto [...]” (VOLOŠINOV; BACHTIN, 1999, p. 186). A edição em espanhol desse trecho (VOLÓSHINOV, 2014, p. 116) se distancia da brasileira e se aproxima das demais, ao serem comparadas. As divergências se dão em relação ao signo que é *compreendido* (francesa, italiana, espanhola), *identificado* (brasileira); *meio técnico* (francesa, italiana, espanhola) e *instrumento técnico* (brasileira); *entidade singular, interiormente estática* (francesa); *coisa singular* (italiano), *coisa unitária* (espanhol) e *entidade de conteúdo imutável* (brasileira) com supressão da palavra *singular*; *objeto determinado* (francesa, italiana, espanhola) e *objeto preciso* (brasileira).

Essas diferenças de tradução indicam as opções da primeira tradução francesa na qual se baseou a brasileira, contaminadas pelo estruturalismo na França nos anos 1970. O termo *instrumento* não equivale a *meio* na “biblioteca virtual” de Volochínov. Tytkowski revisita esse conceito de meio no pensamento de alguns autores do período, entre eles, Plekhanov, que o utiliza como sentido de *circunstâncias*. Em referência aos estudos de Marx, afirma que

A tarefa do materialismo no domínio da história, tal como a concebia Marx, consistia [...] explicar precisamente de que maneira o ‘meio’ [obstojatel’stva] pode ser modificado pelos homens que são eles mesmos o produto desse meio (PLEKHANOV apud TYLKOWSKI, 2012, p. 47).

Plekhanov insiste que os homens são o motor da história. O termo *meio* usado por Darwin (1809-1892) contribuiria para o seu uso também nas ciências humanas nesse período na Rússia. Estudiosos como Kanaev (1893-1983), Bogdanov (1873-1928) e Plekhanov trabalhavam com esse conceito para discutir o homem e sua adaptação ao meio da vida social, sem abrir mão, contudo, do princípio de que o homem faz a história. Tytkowski enfatiza que “o termo *meio* é largamente empregado em MFL, obra na qual é um dos conceitos-chave” (TYLKOWSKI, 2012, p. 47).

As variações entre *entidade singular*, *coisa singular* e *coisa unitária* expõem deslizamentos semânticos, notadamente entre os termos *singular* e *unitário*, não equivalentes. Do mesmo modo, a expressão *objeto preciso* não equivale a *determinado*, como registra a edição brasileira. Aqui, apesar da névoa que ainda cobre esses conceitos, percebe-se que o signo se torna signo e só pode ser compreen-

dido no fluxo da interação verbal, nos enunciados constituintes do discurso, no universo das superestruturas.

Os trechos acima citados estão no capítulo 5, segunda parte da edição brasileira, chamado “Língua, fala e enunciação”, anunciado na edição francesa como capítulo II da segunda parte “Língua, linguagem e enunciado” (*enoncé*); na italiana, capítulo II, segunda parte, “Língua, linguagem, enunciação” (*enunciazione*); em espanhol, também capítulo II, segunda parte “Língua, linguagem, enunciado” (*enunciado*). A edição brasileira traz, novamente, no título e no corpo do capítulo, um termo próprio do pensamento saussureano – *fala* – da dicotomia *língua e fala* (*langue/parole*). *Fala* foi a escolha dos tradutores brasileiros de Saussure para *parole*, assim por ele utilizada:

A parte psíquica não está totalmente mais em jogo. O lado executivo permanece fora da causa, porque a execução não foi feita pela massa: ela é sempre individual; e o indivíduo é sempre o mestre: nós a chamaremos de fala (SAUSSURE, 1995, p. 30, grifo no original).

O uso do termo *fala* na versão brasileira foi uma opção que não se coaduna com o pensamento de Volochínov, contestador veemente do estudioso genebrino. É necessário destacar que a versão francesa e a espanhola elegem o termo *enunciado* em vez de *enunciação*, como a italiana e a brasileira. Por essa razão, talvez seja estranho referir-se a Volochínov como um estudioso da teoria da enunciação. A melhor opção talvez seja compreendê-lo como teórico do enunciado, isto é, da linguagem como atividade. Ao comentar o que considera como adaptações de Bakhtin na França, Tylkowski (2012, p. 13) cita entre elas “um certo número de tentativas de ultrapassagem, de transbordamento, de pluralização (DOSSE, 1992, p. 71) do estruturalismo, isso que se traduz entre outras coisas pela emergência da teoria da enunciação de Émile Benveniste (ONO, 2007)”.

A tradução brasileira, como a espanhola, escorrega em direção à teoria da enunciação criada por Benveniste, ao passo que a francesa recente e a italiana retomam o termo *enunciado*, próximo do pensamento do “Círculo de Bakhtin”.

Depois dessa breve incursão ao capítulo 5 para destacar o traço estruturalista na edição brasileira, supostamente acompanhando a primeira edição francesa, é necessário retornar ao primeiro capítulo para visitar os termos *ideologia*, *ideologias* ou *ideológico*. Antes, todavia, de entrar pelas páginas das versões, uma visita aos estudos de Tylkowski (2012) é fundamental.

IDEOLOGIA E TROCAS VERBAIS

Quando estava na Faculdade de Ciências Sociais, Volochínov acompanhou, no quarto ano, seminários dedicados ao estudo das ciências ideológicas (SÉRIOT, 2010), que o teriam influenciado em seus próprios estudos sobre esse tema altamente relevante em MFL. Sériot transcreve uma única citação atribuída a Vološinov em que ele tenta conceituar ideologia para situar esse conceito no universo múltiplo de sentidos que teria adquirido entre os marxistas:

Por ideologia, nós compreendemos todo o conjunto de reflexos e de refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expressa e fixada por ele sob a forma verbal, de desenho, esboço, ou outra forma semiótica (VOLOŠINOV, CTJ, p. 53, n. 5 apud SÉRIOT, 2010, p. 64).

Para Sériot, essa escolha o afasta da ideia de assujeitamento desenvolvida por Althusser e por Gramsci, da falsa consciência exposta por Marx e Engels em *Ideologia Alemã*, para então se aproximar do conceito de ideologia como cultura. Se em *Ideologia Alemã* Marx e Engels entendem ideologia como “uma *deformação* intelectual da realidade material” (TYLKOWSKI, 2012, p. 39), no prefácio de *Contribuição à crítica da economia política*, Marx “define ‘ideologia’ como uma ‘superestrutura’, como ‘as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, condicionadas pela ‘estrutura econômica da sociedade’, dito de outro modo, a ‘base’” (TYLKOWSKI, 2012, p. 40). Este último sentido seria abraçado por Volochínov, reafirmado por outros teóricos de sua biblioteca virtual, entre os quais se encontram Bogdanov, Sakulin (1898-1930) e Bukharin. Para Bogdanov, a consciência social ou ideologia “representa a sistematização da experiência humana adquirida durante a atividade social” e “se a ‘consciência social’ (a ‘ideologia’) organiza a sociedade, a palavra (le Mot) constitui o instrumento dessa organização” (TYLKOWSKI, 2012, p. 50) e

[...] é graças à palavra (na linguagem) que se estabelece e se desenvolve as relações interindividuais no trabalho e nos outros domínios (econômico, político e pessoal). Em MFL, Volosinov formula uma ideia extremamente próxima ao afirmar que a palavra é “o meio mais puro e mais sensível de troca social” que “pode preencher toda função ideológica: de ordem científica, estética, moral ou religiosa” (VOLOŠINOV, [1929] 2010, p. 137, 139) (TYLKOWSKI, 2012, p. 50).

Volochínov realmente acentua, como faz Medvedev (2012), a relação de ida e volta entre a infraestrutura e a superestrutura, entre a base e os fenômenos ideológicos. Esses fenômenos, materializados pelos enunciados, pela palavra, seriam os constituintes da consciência humana, portanto, essa consciência seria constituída e desenvolvida pela palavra nos enunciados. É por essa razão que Volochínov e outros teóricos da época atribuem à palavra o papel de excelência na formação da consciência nas trocas interindividuais, como é o caso de Vigotski (2001) ao formular o conceito de discurso interior, e de Bogdanov ao discorrer sobre as formas da consciência humana, de acordo com as referências de Tylkowski (2012, p. 53):

As “formas da consciência humana” significam aqui a concepção do mundo dos indivíduos, seus julgamentos e seus conhecimentos, sua ciência, sua filosofia etc. Tudo isso com as relações jurídicas e políticas na noção geral de “formas ideológicas” que constituem a “superestrutura” da “base econômica”. Estes termos da arquitetura, é preciso compreendê-los simplesmente no sentido de que a “economia” determina a “ideologia” (BOGDANOV [1902] 1904, p. 36 n. apud TYLKOWSKI, 2012, p. 53).

Ao criticar o que nomeia como idealismo e positivismo psicologista, Volochínov se aproxima das afirmações anteriormente citadas a respeito dos signos constituintes da consciência. A edição brasileira registra: “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1988, p. 35). A versão francesa parece mais próxima do pensamento do autor, principalmente pela opção de usar *troca social* em vez de *relações sociais*, *constituir* em vez de *adquirir*, *material semiótico* em vez de *signos*, *coletividade organizada* em vez de *grupo organizado*, como se pode aqui comparar: “A consciência se constitui e se realiza no material

semiótico criado pela troca social no seio de uma coletividade organizada” (VOLOŠINOV, 2012, p. 137). A versão em espanhol insiste em empregar a palavra *comunicación*, em vez de *troca social* ou *relações sociais*: “A consciência se constrói e se realiza mediante o material signico, criado no processo de comunicação social de um coletivo organizado” (VOLÓSHINOV, 2014, p. 33). A tradução italiana introduz uma palavra importante – *scambio* – que significa troca: “A consciência se compõe e se realiza no material signico, criado no processo do escambo social de um coletivo organizado” (VOLOŠINOV; BACHTIN, 1999, p. 125). A palavra equivalente a trocas econômicas em português – *escambo* – parece revelar o núcleo da relação eu/tu, de somente entregar alguma coisa caso se receba algo em troca, como seria o processo de *troca verbal*, ou de *escambo verbal*. Dessa maneira, a palavra *comunicación* revela mais um traço de tradução contaminada pelo estruturalismo. Na nota do prefácio de MFL, Sériot explica sua opção, que merece aqui ter alguns trechos destacados:

A palavra obscenie pode ser traduzida por “comunicação” ou por “troca”. Onde “troca ideológica”: Volochinov utiliza sempre a palavra obscenie e não kommunikacija, que ele usa uma só vez para explicar a noção de mensagem. (MPL, p. 88). Essa oposição está presente na vida intelectual na Rússia. Por kommunikacija se compreende uma troca entre entidades estáveis e individuais, que não se modificam no curso dessa troca (grosso modo, eles trocam sem mudar), ao passo que obscenie é compreendida como o campo da existência de “sujeitos” que não existem fora dessa troca e separadamente um do outro. Obscenie é formada a partir de obscij [comum a um conjunto unitário], enquanto que kommunikacija designa uma troca que sublinha a diferença, a ruptura (SÉRIOT, 2010, p. 123).

Sériot refere-se às traduções da palavra *obscenie* por *scambio*, em italiano, e *intercourse*, em inglês, mas reconhece que a boa tradução poderia vir do alemão com a palavra *Verkehr* – mas, curiosamente, afirma, a edição alemã usa *ideologische Kommunikation* (*comunicação ideológica*). *Verkehr* pode ser compreendido como “movimento de veículos e de pessoas em um caminho, como a rua” “circulação” “trânsito”, ou “contato entre pessoas”, como no enunciado “Eu rompi minha relação com ele” (PONS, 2006, p. 1465; LANGENSCHIEDT, 2011, p. 1227). O termo alemão parece, realmente, mais se aproximar da ideia volochinoviana de troca, de escambo, da ideia de dar e receber.

Apesar de sua aproximação com Bogdanov, Volochínov não o cita, conforme observa Tylkowski (2012), ao destacar que ambos beberam nos conceitos de Bukharin, executado no expurgo dos anos 1930, também não citado em MFL, como também não é citado Sakulin, que concebe dois tipos de ideologia, uma prática e outra teórica. Nele aparece a ideia de neutralidade da palavra, empregada por Volochínov em MFL, causadora de amplas discussões entre seus leitores. Para Sakulin, nas palavras de Tylkowski (2012, p. 56),

Se a “ideologia” prática tem um caráter de classe, a “ideologia” teórica não exprime nunca [...] os interesses sociais ou a “visão de mundo” de uma classe ou de um grupo social particular. Como sistema de ideias objetivas, a “ideologia” teórica pode ser “neutra”, quer dizer, ter um “caráter interclasse” [mezduklassevoj xarakter] (Ibid., p. 125). Assim o determinismo social tem certos limites.

Em relação à função ideológica do signo e ao caráter neutro da palavra, a versão brasileira registra:

O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 1988, p. 35).

A francesa pouco difere:

Neste caso, o signo nasce de uma função ideológica particular e ele não pode ser dela separado. A palavra, inversamente, é neutra no que concerne às funções ideológicas específicas. Ela pode preencher toda função ideológica: de ordem científica, estética, moral ou religiosa (VOLOŠINOV, 2010, p. 139).

A distinção entre signo e palavra, nesse enunciado específico, se aproxima da distinção entre sentido e significado ou entre signo e sinal. O signo refrata a realidade e se constitui a cada manifestação singular no universo dos enunciados ideológicos, mas a palavra, o sinal, o significado, não preencheria essa função, a ideológica. Ela é neutra, como se fosse a matéria-prima que rola por diferentes mãos, ou bocas, ou mentes, para receber delas os seus traços singulares. A edição italiana e a espanhola também não se distanciam das duas edições anteriormente citadas. O que importa aqui é registrar a ligação de Volochínov com o pensamento de Sakulin, apesar de não ser por ele referenciado, a respeito da neutralidade.

Resta trazer, agora, o aporte do pensamento de Bukharin sobre ideologia, por meio dos estudos de Tylkowski, para ampliar o arcabouço teórico formado por pensadores que essa pesquisadora considera formadores da biblioteca virtual de Volochinov. Uma linha virtual de relações teóricas a respeito do conceito de ideologia poderia ser assim traçada: Volochinov – Bukharin – Sakulin – Bogdanov – Marx (Prefácio de *Contribuição à crítica da economia política*). Bukharin conceitua, de modo relacional, *superestrutura, ideologia social e psicologia social*: a superestrutura seria uma “forma de fenômenos sociais que se eleva acima da base econômica”, a ideologia social seria um “sistema de pensamentos, de sentimentos ou de regras de conduta” e psicologia social seria

[...] os pensamentos e as disposições gerais não sistematizadas ou pouco sistematizadas que se manifestam em uma sociedade, em uma classe, em um grupo, em uma profissão dados etc. (BOUKHARINE, 1967 [1921], p. 220 apud TYLKOWSKI, 2012, p. 57).

A distinção que Bukharin faz entre superestrutura e ideologia é significativa, conforme entende Tylkowski:

A “ideologia” é então o resultado de um trabalho relevante da “superestrutura”. A diferença entre essas duas noções consiste no fato de que a superestrutura é uma entidade complexa que compreende “as coisas e os homens”, ao passo que “ideologia” é um produto intelectual, ideal [idejnyj produkt] (BOUKARINE, 1967 [1921], p. 230 apud TYLKOWSKI, 2012, p. 58).

Tal como Bogdanov e Plekanov, Bukarin tem uma visão positiva da ideologia, o conceito em que se apoia Volochinov em MFL para desenvolver suas argumentações a respeito do signo.

CONCLUSÃO

A proposta inicial deste trabalho, considerada a função específica de sua elaboração, limitava-se a propor a comparação de alguns trechos de MFL em que parecia haver variações entre quatro diferentes traduções, notadamente do primeiro capítulo. A tarefa, contudo, revelou-se espinhosa, porque eram incontáveis as incursões a outros trechos do mesmo capítulo ou a aprofundamentos teóricos em relação a conceitos discutidos em outros trabalhos.

Ao final deste curto percurso investigativo, resta afirmar que os estudos comparativos das traduções de MFL provocam algumas inquietações no pesquisador atravessado pelo pensamento do assim considerado “círculo de Bakhtin”: a de não saber a quem referenciar, se a Bakhtin ou a Volochinov; a desconfiança em se apoiar em apenas uma tradução em razão das diferenças de empregos de palavras, de acordo com as demonstrações aqui rapidamente apontadas; o vazio intelectual que se abre em virtude do desconhecimento da “biblioteca virtual” de Volochinov, de seus companheiros e, conseqüentemente, dos conceitos discutidos por estudiosos de sua referência, principalmente entre os não explicitamente citados; e, por fim, a sensação de que é preciso conhecer melhor o homem intelectual chamado Valentin Nikolaiévich Volochinov.

WORDS AND THEIR SENSES IN TRANSLATIONS OF *MARXISM AND PHILOSOPHY OF LANGUAGE*

Abstract: To reveal different decisions of translators, this paper will examine some excerpts of the first chapter and fifth chapters in four editions – a Brazilian, a recent French, a Spanish and an Italian – of *Marxism and Philosophy of Language*, work written by Bakhtin and Voloshinov, in which are observed different options of words and their senses, specifically, *meaning, sign, instrument and ideology*.

Keywords: Voloshinov. *Marxism and philosophy of language*. Bakhtin Circle.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 4. ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- LANGENSCHIEDT. *Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin und München: Langenscheidt KG, 2011.
- PONS Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Stuttgart: Ernst Klett Sprachen, 2006.
- SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio di Mauro. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1995.
- SÉRIOT, P. Préface. Vološinov, la Philosophie de l’enthymème et la double nature du signe. In: VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

- TYLKOWSKI, I. *Vološinov en contexte: essai d'épistémologie historique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.
- VOLOŠINOV, V. N.; BACHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia del linguaggio: problemi fondamentali del metodo sociologico nella scienza del linguaggio*. Traduzione dal russo di Margherita De Michiel. Lecce: Manni, 1999.
- VOLÓSHINOV, V. N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. (Los principales problemas del método sociológico en la ciencia del lenguaje). Traducción Tatiana Bubnova. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2014.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em julho de 2016.

Aprovado em novembro de 2016.